

Por que os socialistas devem apoiar a representação proporcional

Via [Jacobin](#)

Com alternativas para o sistema de votação do “vencedor leva tudo”, o sistema bipartidário nos Estados Unidos levou uma surra em junho quando a experiência da cidade de Nova York com a votação por esta escolha pareceu ir ao fundo do poço. Os eleitores acharam o novo sistema confuso, e a contagem dos resultados foi adiada por semanas enquanto a Diretoria de Eleições de Nova Iorque lutava para se adaptar.

Seria uma catástrofe para a esquerda, porém, se este soluço em NYC (que, vale notar, dificilmente é um verdadeiro sistema de relações públicas, pois está confinado às eleições primárias e ainda leva à eleição de apenas um representante por distrito) levasse os socialistas a abandonar a luta pela representação proporcional (RP). Como os homólogos de Nova York em todo o mundo, a capacidade dos socialistas de se engajar em conflitos políticos produtivos seria muito mais forte sob o tipo de sistema multipartidário que a representação proporcional permite.

O apoio a um sistema multipartidário é generalizado nos Estados Unidos. Desde o início do novo século, cerca da metade do país disse que apoiaria o surgimento de pelo menos mais um partido. Desde 2011, as pesquisas da Gallup sugerem que a porcentagem de seu apoio aumentou e paira consistentemente em torno da alta dos anos 50 para a baixa dos anos 60. Embora o apoio seja especialmente forte entre os independentes, a última pesquisa sugere que 46% dos democratas também apoiam a criação de um terceiro partido.

Felizmente, existe um caminho viável para realizar esse desejo

nos Estados Unidos. O Fair Representation Act introduzido no último Congresso é um método para a adoção de um sistema de representação proporcional que seja compatível com a Constituição. Mas entender o que é e por que os socialistas devem apoiar a Lei de Representação Justa primeiro requer um entendimento mais profundo de como o sistema “vencedor leva tudo” prejudica o sucesso da Esquerda.

U (Não Tão-Conhecido) Viés de Direita

A realidade é que o sistema bipartidário vencedor desempenha um papel importante na distorção da representação no Congresso, nas legislaturas estaduais e nos conselhos municipais – pelo menos tanto quanto o gerrymandering*. Na verdade, não é um exagero dizer que nosso sistema atual favorece sistematicamente a Direita e desfavorece a Esquerda, nosso sistema atual favorece sistematicamente a Direita e desfavorece a Esquerda.

Essa é uma das conclusões tiradas por Jonathan Rodden em seu fascinante livro *Why Cities Lose: The Deep Roots of the Urban-Rural Political Divide* (Por que as Cidades Perdem: As Raízes Profundas da Divisão Político-Rural Urbana). Os centros urbanos, observa Rodden, são a base dos eleitores de centro-esquerda e de esquerda. Mas a concentração de eleitores que pensam da mesma forma em bairros urbanos densamente lotados leva a sua distribuição reduzida em muitos distritos, independentemente de como essas linhas distritais são traçadas. Isso cria um viés para os partidos de direita que obtêm seu apoio dos distritos rurais e exurbanos – distritos onde seus eleitores estão distribuídos de forma mais uniforme.

Pense desta forma. As cidades estão tão lotadas de eleitores de esquerda que muitos distritos urbanos votam no centro-esquerda ou no candidato de esquerda por margens muito grandes. Os eleitores de direita, no entanto, estão distribuídos de forma mais uniforme pelos distritos suburbanos e rurais, onde os candidatos de centro-direita e direita

ganham mais comumente por margens menores. Esta distribuição desequilibrada dos eleitores de esquerda e direita é um dos mecanismos primários que dá ao nosso sistema político uma forte inclinação minoritária, enviesando eleições em favor dos populistas de direita que se saem especialmente bem nas áreas rurais e subúrbios afluentes.

Devido aos efeitos distorcidos da combinação de eleições de vencedores e concentração de eleitores de esquerda nas cidades, Rodden chega a achar que leis que impediriam o gerrymandering ao colocar o desenho do distrito nas mãos de autoridades não partidárias não seriam suficientes para melhorar muito a posição competitiva da esquerda. Em milhares de simulações de diferentes configurações distritais, ele encontra a mesma tendência para os republicanos devido a sua força nas áreas rurais e suburbanas.

Mas não são apenas os aspectos técnicos de como os distritos são desenhados que enviesam as eleições em favor da Direita. Na consciência popular, os eleitores em um sistema bipartidário também são ensinados a acreditar que eles só têm duas escolhas. Isto cria uma falsa sensação de que o “meio-termo” na política é entre os partidos Democrata e Republicano.

No que poderíamos chamar de “ilusão do meio-termo”, os eleitores passam a acreditar que a única maneira de afirmar sua independência dos dois partidos e punir um partido é votar nos democratas em algumas eleições e nos republicanos em outras. Embora essa escolha seja realmente uma escolha entre um partido de centro-direita e um partido de extrema-direita, os eleitores acham que estão sendo “justos e equilibrados” neste jogo.

Problemas táticos para os socialistas

Como se seu caráter antidemocrático não fosse um problema suficiente para os socialistas, quatro aspectos adicionais do

sistema vencedor e do sistema bipartidário que ele dá origem são especialmente preocupantes para a capacidade dos socialistas de competir efetivamente.

Primeiro, ao prender a esquerda dentro do Partido Democrata, o sistema bipartidário coloca os socialistas em uma dupla ligação. Por um lado, temos uma necessidade óbvia de nos distinguir dos principais democratas. Ganhar eleições nas primárias democratas depende de fazer distinções claras, e até mesmo de atacar os principais democratas.

Mas à medida que saímos de distritos solidamente azuis para partes mais competitivas do país, que podem se recuperar para prejudicar tanto nós quanto os democratas estabelecidos. Um partido que parece ser dominado por uma guerra civil quase certamente repelirá os eleitores.

A pressão para amordaçar nossas críticas, portanto, em nome da unidade partidária certamente crescerá com o passar do tempo, prejudicando nossa capacidade de estabelecer nossa própria posição independente. Tivemos uma primeira prova disto em 2016 e 2020, quando Bernie Sanders estava sob intensa pressão para não continuar o ataque contra Hillary Clinton e Joe Biden. De fato, muitos culpavam a perda de Clinton pelas críticas modestas que Sanders fez a ela na campanha primária.

Em segundo lugar, os democratas do establishment e os socialistas já estão começando a aprender que configurações mais amplas tornam os alvos mais fáceis. Nas eleições para o Congresso em 2020, os democratas tiveram um desempenho inferior às expectativas. Os líderes democratas provavelmente não estavam errados ao sugerir que parte da razão se devia ao sucesso que os republicanos tiveram ao empurrar para os democratas nos distritos de batalha ao socialismo e a outras exigências controversas da esquerda.

Ao mesmo tempo, os socialistas provavelmente descobrirão em partes mais competitivas do país que a identidade democrata é

tóxica entre muitos eleitores da classe trabalhadora que, de outra forma, poderiam estar abertos à nossa mensagem. Uma razão pela qual Bernie Sanders superou consistentemente os democratas nas eleições de Vermont tem a ver com sua capacidade de apelar para os independentes da classe trabalhadora e republicanos que aprovam sua independência do Partido Democrata.

Em terceiro lugar, os socialistas se beneficiariam enormemente da capacidade de fazer eleições sobre estratégias partidárias em vez de personalidades. Em nosso sistema atual, os candidatos socialistas se enfrentam com os democratas nas primárias. Nessas corridas, e na ausência de rótulos partidários, os eleitores frequentemente fazem escolhas baseadas na personalidade, identidade e quem eles acham mais provável que ganhe nas eleições gerais.

Para os socialistas que querem fazer eleições sobre estratégia e plataformas, isto pode ser especialmente frustrante. É difícil explicar aos eleitores, em uma primária, por que o democrata que diz ser a favor de reformas progressivas faz realmente parte de um projeto político maior, sem rótulo, que bloqueia essas reformas. As eleições gerais, por outro lado, apresentam exatamente essa oportunidade de fazer a escolha de estratégias partidárias em vez de personalidades.

Além disso, em um sistema multipartidário, os socialistas podem se distinguir efetivamente daqueles que estão no centro-esquerda aos olhos dos eleitores também no período entre as eleições. Identidades partidárias separadas que competem umas contra as outras ajudam a organizar conflitos políticos para a maioria das pessoas. Os partidos em um sistema multipartidário podem, por exemplo, entrar e sair das coalizões de governo, e é fácil para todos ver o que está acontecendo.

Isto não acontece em um sistema bipartidário, onde as pessoas raramente conhecem o equilíbrio de poder entre as várias facções dentro de um partido. A maioria das pessoas

politicamente engajadas provavelmente saberia que os democratas têm uma maioria magra na Câmara, mas quantas pessoas poderiam lhe dizer o tamanho relativo dos blocos progressistas e neoliberais dentro do Partido Democrata? Entre seus muitos pecados, um sistema bipartidário mascara conflitos.

Veja o projeto de lei de estímulo altamente popular. Em um sistema multipartidário, o partido de esquerda teria pressionado para incluir uma maior redistribuição no estímulo, e Joe Biden teria sido forçado a ceder à pressão a fim de assegurar seu apoio. Os eleitores teriam visto claramente de onde vinham as melhores partes do estímulo. Em nosso sistema bipartidário, onde este tipo de conflito é muito mais difícil de ser seguido pelas pessoas, as melhores partes do estímulo são percebidas (na medida em que as pessoas até sabem que aconteceu) como um presente de Joe Biden, uma vez que o impulso para o estímulo veio dos “Democratas”.

Finalmente, e no horizonte temporal mais longo, a representação proporcional é melhor para os socialistas porque garante que, se chegarmos ao poder, o faremos com o apoio de uma maioria da sociedade. Em debates no Partido Trabalhista Britânico sobre a conveniência da RP, Ralph Miliband defendeu a importância da representação proporcional desta forma:

Os partidários trabalhistas do sistema “first-past-the-post” argumentam que ele também dá ao Partido Trabalhista uma chance de ganhar uma eleição e formar um governo próprio. Isto pode ser verdade, mas ignora alguns fatos importantes, independentemente do ponto de princípio de que o sistema eleitoral não deve distorcer muito a representação. Um fato que o argumento ignora é que um governo empenhado em uma reforma fundamental precisa de um apoio muito maior no país do que um governo conservador. Só assim um governo radical poderia esperar alcançar seus objetivos; e esse apoio deveria se refletir nos números da votação. Cinquenta e um por cento não é um número mágico; mas alcançar esse número, sozinho ou,

se necessário, em coalizão, não deixa de ser uma grande ajuda.

A superação do sistema bipartidário e a transição para um sistema de representação proporcional é de suma importância estratégica para a causa socialista. Nossa capacidade de vencer – e de basear um futuro governo socialista no apoio da maioria da sociedade – seria grandemente auxiliada por esta transformação.

Uma Solução Americana

Existe um modelo viável para a adoção de um sistema de representação proporcional nos Estados Unidos?

A Alemanha fornece um dos melhores exemplos de tal alternativa. É às vezes chamado de “representação proporcional mista de membros” (MMP). O MMP combina as vantagens da representação direta a nível distrital com as vantagens de representar as partes proporcionalmente.

Cada eleitor no dia da eleição lança dois votos. Eles votam em um candidato para ser seu representante no Bundestag alemão; e votam no partido que está mais próximo de sua política.

Os representantes de nível distrital são eleitos em primeiro lugar. Em seguida, os partidos recebem representantes adicionais para garantir que sua delegação no Parlamento Federal seja proporcional à sua participação no voto nacional. A representação de um partido na legislatura não é exatamente igual à sua participação no voto nacional, uma vez que alguns partidos não fazem o limite para serem representados e não são contados. Mas isso cria um sistema no qual a cota de assentos de um partido é bastante próxima de sua cota no voto de referência do partido nacional.

Não está claro se um tal sistema seria possível nos Estados Unidos, dada a atual ordem constitucional. Mas, felizmente,

existem alternativas que são definitivamente compatíveis com a Constituição dos EUA.

A FairVote, uma organização sem fins lucrativos especializada em fazer propostas para consertar a quebrada democracia dos Estados Unidos, tem feito o maior trabalho nessa frente. Sua Fair Representation Act é a proposta mais ousada até agora para a transição dos Estados Unidos para um sistema multipartidário. Sob a Lei de Representação Justa, as eleições parlamentares seriam realizadas utilizando votação por ordem de escolha, o que reduziria imediatamente a mordida do “efeito spoiler”.

Mas o mais importante, cada estado com mais de um representante seria obrigado a introduzir distritos multipartidários. Na Louisiana, por exemplo, os seis distritos do estado seriam reduzidos para dois, um na metade oriental e o outro na metade ocidental. Os eleitores classificariam então suas preferências nas eleições. As cédulas seriam contadas, levando à eleição ou eliminação dos candidatos que se reunissem ou não atingissem um determinado limite. Os votos atribuídos inicialmente aos candidatos eleitos ou eliminados seriam então redistribuídos aos demais candidatos. O processo se repetiria até que um número de candidatos igual ao número de assentos em um distrito fosse eleito. Ao expandir a escolha partidária, a transição para um sistema multipartidário provavelmente levaria a uma explosão de comparecimento entre os eleitores da classe trabalhadora, fortalecendo muito as forças que se opõem à extrema-direita.

O número exato de representantes designados a um distrito com vários membros variaria com base no número de representantes concedidos a um estado (e nos estados com apenas um representante, seriam realizadas eleições para esse único assento). Mas a natureza múltipla da maioria das eleições distritais levaria a uma maior diversidade na representação partidária no Congresso. E, de importância crítica para reduzir a vantagem injusta da Direita, tal sistema combinaria

idades com seus subúrbios vizinhos e áreas rurais em grandes distritos, com múltiplos membros. Isto reduziria grandemente a vantagem que a Direita ganha com a organização de todos os partidos vencedores.

A Luta pela Democracia

A democracia nos Estados Unidos está sob grande tensão. A aquisição pela extrema direita do Partido Republicano ameaça a democracia em um nível fundacional. E o Partido Democrata – trabalhando em estreita colaboração com grandes corporações – não oferece uma alternativa.

Os socialistas democráticos não podem mais se dar ao luxo de evitar esta crise. Precisamos de uma visão ousada para a construção de uma democracia mais forte nos Estados Unidos. Podemos até mesmo descobrir a longo prazo que os democratas de tendência, ansiosos para colocar distância entre si e a esquerda socialista, podem apoiar uma configuração multipartidária. Tal transformação não tem que ser um jogo de soma zero. Ao expandir a escolha partidária, a transição para um sistema multipartidário provavelmente levaria a uma explosão de participação entre os eleitores da classe trabalhadora, fortalecendo muito as forças que se opõem à extrema direita.

Os socialistas antes de nós assumiram a causa da democracia. A luta pelo sufrágio universal foi uma demanda chave para a esquerda em todo o mundo nos séculos dezenove e vinte. De fato, cada passo real em direção a democracias mais fortes internacionalmente tem sido defendido e lutado pelos socialistas e movimentos da classe trabalhadora.

A luta pela democracia hoje inclui a luta para defender o direito de voto, decretar um sistema de financiamento público, abolir o Colégio Eleitoral e reduzir o poder do Senado e da Suprema Corte. Mas também deve olhar para além de consertar os problemas com as instituições quebradas e para a própria

refundação da democracia.

Um passo no caminho é livrar este país da armadilha de dois partidos e construir um verdadeiro sistema multipartidário. Fazer isso é possível. E a saúde de nossa democracia – e, em última instância, a vitória do socialismo democrático – depende disso.